

LUCY MAUD MONTGOMERY

ANNE

DA ILHA





LUCY MAUD MONTGOMERY

ANNE

DA ILHA

Tradução
Max Welcman



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
Anne of the island

Revisão
Mariane Genaro
Fernanda R. Braga Simon

Texto
Lucy Maud Montgomery

Produção, projeto gráfico e edição
Ciranda Cultural

Tradução
Max Welcman

Imagens
art_of_sun/shutterstock.com
Yurchenko Yulia/shutterstock.com
lecosta/shutterstock.com

Preparação
Karoline Cussolim

Texto publicado integralmente no livro Anne da Ilha, em 2020, na edição em brochura pela Ciranda Cultural. (N.E.)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

| | |
|-----------|--|
| M787a | Montgomery, Lucy Maud |
| | Anne da Ilha / Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Max Welcman. - Jandira, SP : Principis, 2020. 256 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (v.3) |
| | Tradução de: Anne of the Island Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-145-0 |
| | 1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. I. Welcman, Max. II. Título. III. Série. |
| 2020-2260 | CDD 028.5 CDU 82-93 |

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| A sombra da mudança..... | 9 |
| Guirlandas de outono | 17 |
| Adeus e partida..... | 24 |
| <i>A lady</i> de abril..... | 30 |
| Cartas do lar | 41 |
| Passeio no parque..... | 49 |
| De volta ao lar | 56 |
| O primeiro pedido de casamento de Anne..... | 64 |
| Um namorado indesejado e um amigo bem-vindo..... | 69 |
| Casa da Patty..... | 76 |
| O círculo da vida | 83 |
| <i>A expiação de Averil</i> | 92 |
| O caminho dos transgressores..... | 100 |
| O chamado | 110 |
| Um sonho distorcido | 118 |
| Relações afinadas..... | 123 |
| Uma carta de Davy..... | 133 |
| A senhora Josephine recorda-se da pequena Anne | 137 |
| Um interlúdio..... | 143 |
| Com a palavra, Gilbert..... | 147 |
| As rosas do passado..... | 152 |
| A primavera e Anne de volta a Green Gables..... | 156 |
| Paul não encontra os homens de pedra..... | 161 |
| Jonas entra em cena..... | 165 |
| O príncipe encantado entra em cena..... | 170 |
| Christine entra em cena..... | 176 |
| Confidências mútuas | 180 |

| | |
|---|-----|
| Uma tarde em junho | 185 |
| O casamento de Diana..... | 190 |
| O romance da senhora Skinner | 194 |
| De Anne para Philippa | 198 |
| Um chá com a senhora Douglas..... | 201 |
| “Ele vinha sempre” | 206 |
| Com a palavra, John Douglas, finalmente | 210 |
| Inicia-se o último ano em Redmond | 215 |
| A visita das Gardners | 222 |
| Bacharéis de fato | 228 |
| Falso alvorecer | 234 |
| Assuntos matrimoniais..... | 240 |
| O livro da revelação..... | 247 |
| O amor vence o tempo..... | 252 |

A
*todas as garotas do mundo que “queriam
mais” histórias sobre Anne.*

*Toda preciosidade enfim descoberta
Surge para aqueles que a procuram,
Pois o Amor trabalha junto ao Destino
E despe o véu do valor oculto.*

TENNYSON



A SOMBRA DA MUDANÇA

“Encerrou-se a colheita e findou-se o verão”, citou Anne Shirley, contemplando com olhar sonhador os campos aparados. Ela e Diana Barry haviam colhido maçãs na horta de Green Gables e agora repousavam de seus afazeres em um canto ensolarado, onde cardos¹ inundavam o ar nas asas de um vento de verão ainda doce pelo aroma das samambaias do Bosque Assombrado.

No entanto, toda a paisagem em torno das duas moças já anunciava o outono. O mar bramava alto ao longe; os campos estavam desnudos e murchos, salpicados de arnica; o vale do riacho que corria sob Green Gables cobria-se de flores de uma etérea cor púrpura; e o Lago das Águas Reluzentes havia-se tornado azul, azul, azul, não o inconstante azul da primavera nem o pálido azul-celeste do verão, mas um azul límpido, imutável e sereno, como se a água, superando todas as mudanças e tensões, houvesse pausado em uma tranquilidade impossível de ser rompida por sonhos vãos.

– Foi um verão agradável – disse Diana sorridente, girando o novo anel que usava na mão esquerda. – E o casamento da senhorita Lavendar parece ter coroadado a estação. Suponho que o senhor e a senhora Irving estejam a essa hora na costa do Pacífico.

– Creio que já houve tempo suficiente para darem a volta ao mundo – suspirou Anne. – Difícil acreditar que faz apenas uma semana desde o casamento. Tudo mudou. A senhorita Lavendar e o senhor e a senhora

1 Nome dado a algumas espécies de plantas de folhas espinhentas ou ásperas. (N.E.)

Allan foram embora. Como a paróquia parece deserta com todas as janelas fechadas! Eu passei por lá ontem à noite e me senti como se todos lá dentro estivessem mortos.

– Nunca teremos um pastor tão bom quanto o senhor Allan – disse Diana, com uma sombria convicção. – Creio que no inverno teremos toda a classe de substitutos e na metade dos domingos não haverá sermão pode ter certeza. E, com você e Gilbert distantes, será horri-velmente maçante!

– Fred estará aqui – insinuou Anne, discretamente.

– Quando a senhora Lynde se mudará? – perguntou Diana, como se não houvesse escutado o comentário de Anne.

– Amanhã. Estou feliz que ela venha, embora isso signifique outra mudança. Ontem, Marilla e eu esvaziamos o quarto de hóspedes. Você não pode imaginar como eu detestei a tarefa. Sei que é bobagem, mas pareceu que cometíamos um sacrilégio. Aquele velho quarto de hóspedes sempre foi como um templo para mim. Na infância, eu o considerava o lugar mais bonito do mundo. Lembra-se do quanto eu desejava dormir na cama de um quarto de hóspedes? Mas jamais no quarto de hóspedes de Green Gables, jamais! Haveria sido terrível, não pregaria o olho nem por um segundo de tanto fascínio. Eu nunca andava por aquele quarto. Quando Marilla me mandava fazer algo ali, ficava na ponta dos pés, prendendo a respiração como em uma igreja, e me sentia aliviada quando saía. Os retratos de George Whitefield e do duque de Wellington, um de cada lado, me encaravam se eu ousasse olhar no espelho, aliás, o único em toda a casa em que meu rosto não se refletia nem um pouco torto. Fiquei surpresa que Marilla tenha ousado limpar aquele quarto. E agora não está apenas limpo, mas completamente desocupado. Whitefield e Wellington foram aprisionados no andar de cima. “É assim que acaba a glória deste mundo” – Anne concluiu com uma risada um tanto melancólica. Não é agradável profanar nossos ídolos antigos, mesmo que os tenhamos abandonado.

– Ficarei tão sozinha quando você se for – lamentou-se Diana pela centésima vez. – E pensar que partirá na próxima semana!

ANNE DA ILHA

– Mas ainda estamos juntas – disse Anne alegremente. – Não devemos deixar a semana futura roubar nossa alegria da semana presente. Eu detesto a ideia de partir, pois meu lar e eu somos ótimos amigos! Você fala em sentir-se solitária! Eu que deveria lamentar. *Você* estará aqui, rodeada de um grande número de seus velhos amigos e Fred! Enquanto eu vou estar entre estranhos, sem conhecer uma única alma!

– Exceto Gilbert e Charlie Sloane – disse Diana, imitando a ênfase e malícia de Anne.

– Charlie Sloane será um grande conforto, certamente – concordou Anne, com sarcasmo.

Então as duas donzelas irresponsáveis riram. Diana sabia exatamente o que Anne pensava de Charlie Sloane, mas, apesar de várias conversas confidenciais, ela não sabia exatamente o que Anne pensava de Gilbert Blythe. Nem a própria Anne tinha certeza sobre isso.

– Pelo que sei, os meninos ficarão do outro lado de Kingsport – continuou Anne. – Fico feliz em ir para Redmond e tenho certeza de que, depois de certo tempo, vou gostar. Mas sei que as primeiras semanas serão difíceis. Não terei nem mesmo o consolo de ir para casa aos fins de semana, como quando fui à Queen's. E parecerá que ainda faltarão mil anos para chegar o Natal.

– Tudo está mudando ou vai mudar – disse Diana com tristeza. – Sinto que nada será como antes, Anne.

– Chegamos a uma separação dos caminhos, suponho – disse Anne, pensativa. – Tivemos que chegar a isso. Diana, você acha que ser adulto é realmente bom como imaginávamos quando éramos crianças?

– Eu não sei. Há algumas coisas boas – respondeu Diana, novamente acariciando seu anel com aquele pequeno sorriso que sempre fazia com que Anne se sentisse repentinamente deixada de fora e inexperiente. – Mas há muitas coisas intrigantes também. Às vezes, a ideia de crescer me assusta e me faz querer dar tudo para ser uma garotinha novamente.

– Acho que vamos nos acostumar a ser adultos com o tempo – disse Anne alegremente. – Não haverá muitas coisas inesperadas no caminho. Apesar de tudo, acho que são as coisas inesperadas que dão tempero à vida. Temos dezoito anos, Diana. Em dois anos, teremos vinte. Quando

eu tinha dez anos, pensava que ter vinte era ser velho. Em pouco tempo, você será uma matrona séria e de meia-idade, e eu serei a boa e velha criada tia Anne, vindo visitá-la nas férias. Você sempre manterá um canto para mim, não é, Di querida? Não o quarto de hóspedes, é claro. As criadas velhas não podem almejar o quarto de hóspedes, e eu serei tão humilde quanto Uriah Heep e me contentarei com um pequeno buraco na varanda ou o canto de algum cômodo.

– Não diga bobagem, Anne! – Diana riu – Você se casará com um homem bonito, elegante e rico. Nenhum quarto de hóspedes em Avonlea lhe será luxuoso o suficiente, e empinará o nariz ao encontrar seus amigos de juventude.

– Seria uma pena, pois meu nariz é bonito, mas empiná-lo para os outros o deixaria feio – disse Anne, apalpando o nariz afilado. – E eu não tenho tantos membros bonitos a ponto de poder estragar um e, de qualquer forma, mesmo que eu me case com o rei da Ilha dos Canibais, prometo que não empinaria o nariz para você, Diana.

Deram outra risada animada e separaram-se: Diana voltou para a Rampa da Horta, e Anne foi ao correio. Havia uma carta esperando por ela. Quando Gilbert Blythe passou por ela na ponte sobre o Lago das Águas Reluzentes, a moça ficou exultante de excitação.

– Priscilla Grant também vai para Redmond! – ela exclamou. – Não é fantástico? Esperava que ela fosse, mas não achava que o pai dela deixaria. Mas ele consentiu e iremos juntas. Com uma colega como Priscilla ao meu lado, sinto-me capaz de enfrentar um exército ou todos os professores de Redmond de uma vez.

– Acho que gostaremos de Kingsport – disse Gilbert. – Disseram-me que é uma vila boa e antiga, com o parque natural mais bonito do mundo. Ouvi dizer que tem uma paisagem magnífica.

– Duvido que seja, ou que possa ser, mais bonito do que isso – Anne murmurou, olhando em volta com o olhar amoroso e encantado daqueles para quem o lar é o lugar mais bonito do mundo, não importando que paraísos possam existir sob outros céus.

Estavam recostados na ponte do antigo lago, profundamente imersos no encanto do crepúsculo, no exato local onde Anne havia

deixado seu Dory que afundava no dia em que Elaine navegava para Camelot. O belo e envolvente tom do pôr do sol ainda manchava os céus ocidentais, mas a lua estava nascendo, e a água jazia como um grande sonho prateado à luz dela. Aquela lembrança lançou um feitiço doce e sutil sobre os dois jovens.

– Você está muito silenciosa, Anne – disse Gilbert finalmente.

– Temo que, se eu falar ou me mexer, toda essa magnífica beleza desaparecerá como um silêncio rompido – suspirou Anne.

De repente, Gilbert pôs sua mão sobre a delicada e alva mão da garota, encostada no parapeito da ponte. Seus olhos castanhos se aprofundaram na escuridão, seus lábios ainda juvenis se entreabriram para dizer algo do sonho e da esperança que emocionaram sua alma. Mas Anne afastou a mão e virou-se rapidamente, quebrando o feitiço do crepúsculo.

– Preciso voltar para casa – exclamou com exagerado descuido. – Marilla estava com dor de cabeça hoje à tarde, e tenho certeza de que os gêmeos estão aprontando todo tipo de travessura. Eu não deveria ter ficado tanto tempo fora.

Ela tagarelou incessante e inconsequentemente até chegarem ao caminho de Green Gables. O pobre Gilbert mal teve a chance de dizer uma palavra. Anne sentiu-se bastante aliviada quando se separaram. Havia uma nova e secreta autoconsciência em seu coração em relação a Gilbert, desde aquele momento fugaz de revelação no jardim da Echo Lodge. Algo estranho invadira a antiga e perfeita amizade escolar, algo que ameaçava estragar tudo.

“Jamais havia me sentido tão feliz por Gilbert ir embora” – pensou Anne, entre o ressentimento e o arrependimento, enquanto andava pela estrada. “Nossa amizade será rompida se ele insistir nesse absurdo. Isso não pode acontecer. Não vou permitir. Por que os meninos são tão insensatos?!”

Anne constrangeu-se ao perceber que não era muito sensato ainda sentir na própria mão a quente pressão da mão de Gilbert, tão nitidamente quanto a sentiu nos breves momentos em que estiveram juntos, e mais ainda ao constatar que aquela sensação estava longe de ser desagradável, muito diferente da que sentira três noites antes em uma

tentativa similar de Charlie Sloane, durante uma festa em White Sands, enquanto dançavam e ela esperava impacientemente que a música terminasse. Anne desanimou com a lembrança irritante, porém os conflitos relacionados aos seus pretendentes desapareceram de sua mente ao adentrar o clima rústico e prosaico da cozinha de Green Gables, onde um menino de oito anos estava chorando consternado no sofá.

– O que houve, Davy? – perguntou Anne, tomando-o nos braços.
– Onde estão Marilla e Dora?

– Marilla está colocando Dora para dormir – soluçou Davy –, e estou chorando porque Dora caiu de pernas para cima na escada do porão e arranhou todo o nariz, e...

– Ah, está tudo certo, não chore por isso, querido. Claro que você está triste por ela, mas chorar não vai ajudar em nada. Amanhã sua irmãzinha já vai ficar bem. Chorar nunca ajuda em nada, pequeno Davy, e...

– Mas eu não estou chorando porque Dora caiu no porão – respondeu Davy, interrompendo a fala bem-intencionada de Anne com crescente ressentimento. – Estou chorando porque eu não estava lá quando ela caiu! Parece que sempre perco os momentos mais divertidos!

– Davy! – exclamou Anne, reprimindo uma risada indevida.

– Você chama de diversão o fato de ver a pobre Dora cair da escada e se machucar?

– Ela não se machucou muito. Claro que eu ficaria triste se ela tivesse morrido, Anne. Mas os Keiths são difíceis de morrer. São como os Blewetts, eu acho. Herb Blewett caiu do sótão do celeiro na quarta-feira passada e rolou calha abaixo diretamente para dentro do estábulo, onde eles guardam um cavalo selvagem feroz, e foi parar bem embaixo das patas dele, mas saiu vivo, só com três ossos quebrados. A senhora Lynde disse que há pessoas que não morrem nem com golpes de machado. A senhora Lynde virá para cá amanhã, Anne?

– Sim, Davy, e eu espero que você se comporte e seja educado com ela.

– Eu vou me comportar e ser educado. Mas ela vai me pôr para dormir à noite, Anne?

ANNE DA ILHA

– Talvez. Por quê?

– Porque eu não vou rezar na frente dela como faço na sua frente, Anne – disse, em tom decidido.

– Por que não?

– Porque eu não gosto de falar com Deus na frente de estranhos, Anne. Dora pode rezar na frente da senhora Lynde, se quiser, mas eu não vou! Vou esperar que ela vá embora para rezar. Tudo bem, Anne?

– Sim, se você prometer que não vai esquecer, pequeno Davy.

– Eu não vou esquecer, acredite! Rezar é bem divertido, mas não será tão divertido rezar sozinho como é com você. Queria que você ficasse, Anne! Não entendo por que você quer ir embora e nos deixar.

– Não é exatamente que eu queira, Davy, mas sinto que devo ir.

– Se não quer ir, então não precisa! Você já é adulta. Quando eu crescer, não vou fazer absolutamente nada que eu não queira, Anne.

– Por toda a vida, Davy, você verá que precisará fazer muitas coisas que não quer.

– Não vou! – respondeu, categoricamente. – Você vai ver! Agora eu preciso fazer o que vocês querem, senão você e Marilla me mandam para a cama. Mas, quando eu crescer, nem vocês nem ninguém poderão me obrigar a fazer o que não quero. Mas conte-me, Anne, Milty Boulter me falou que a mãe dele disse que você está indo para a universidade para tentar fisgar um homem. É isso mesmo, Anne? Quero saber!

Por um momento, Anne ardeu em ira. Depois deu risada, lembrando a si mesma que a grosseria e a vulgaridade do pensamento e da fala da senhora Boulter não poderiam atingi-la.

– Não, Davy, não é nada disso. Eu vou estudar, evoluir e aprender muitas coisas.

– Que coisas?

– “Sapatos, navios e lacres de cera e repolhos e reis” – citou Anne.

– Mas, se de fato quisesse fisgar um homem, como você faria? Quero saber! – persistiu Davy, para quem o assunto evidentemente tinha certa fascinação.